

## Figuras do silêncio em Isotta Nogarola: como calar (ou não) uma mulher na Itália do século XV<sup>1</sup>

*Forms of interdiction in Isotta Nogarola: how to silence (or not) a woman in 15th-century Italy?*

Bruna Ribeiro MARTINS

Doutoranda em Filosofia pela UFMG/ Bolsista

Fapemig.

E-mail: [brunaribeirimartins@gmail.com](mailto:brunaribeirimartins@gmail.com)

### RESUMO:

Neste artigo abordamos o percurso de Isotta Nogarola, humanista italiana do século XV, de modo a evidenciar a condição de marginalidade imposta às mulheres no período do Renascimento Italiano e os artifícios usados para impedir sua participação nos lugares de prestígio e de reconhecimento público. Tal esforço visa endossar o compromisso com a revisão do cânone na história da filosofia e a assimilação de outras tradições negligenciadas, no caso, a que se entende como estando associada à formação histórica de uma consciência feminista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Isotta Nogarola, Italian Renaissance, Interdictions, Women in Philosophy.

### ABSTRACT:

This study aims to clarify the ways in which women were excluded from spaces of public prestige in 15th-century Italy, focusing on the struggles of Isotta Nogarola, an Italian humanist, to secure a place within the circle of literati. By examining the social structures and mechanisms of exclusion, we seek to shed light on her contribution in asserting a specific role for herself.

**KEYWORDS:** Isotta Nogarola, Italian Renaissance, Interdictions, Women in Philosophy.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão desse texto foi apresentada como comunicação no primeiro congresso nacional Pensadoras em Foco, que aconteceu entre os dias 05 a 07 de agosto de 2024 de modo online e foi transmitido pelo canal do youtube (<https://www.youtube.com/@PensadorasEmFoco>). Gostaria de agradecer às organizadoras (Flávia Benevenuto, Mariana Lins, Mariana Santos e Renata Dias) e aos participantes pela oportunidade de diálogo que contribuiu sobremaneira para o amadurecimento do trabalho e, especialmente, a Flávia Benevenuto e Mariana Santos pelo retorno minucioso do que veio a ser o presente artigo. Não pude contemplar todas as sugestões, mas elas permanecem como horizonte de aperfeiçoamento do que proponho aqui. A vocês, meus sinceros agradecimentos.

## OS CONSTRANGIMENTOS NO ACESSO À EDUCAÇÃO

Em um período em que era programaticamente negado às mulheres qualquer condição de emancipação e que se tinha como pressuposto a inferioridade de sua natureza<sup>2</sup>, haver aquelas que procuraram pelo direito à sua formação plena é, por si só, um esforço hercúleo e, não tenha dúvida, frustrado. Ainda assim, não é raro a lucidez de cada uma quanto à sua condição de discriminação, e o enfrentamento desse lugar acontece frequentemente pelo uso de um modo de se exprimir afiado e contundente. Algumas como Christine de Pizan (1364-1431) e Laura Cereta (1469-1499) ousaram defender abertamente a virtude como atributo das mulheres<sup>3</sup>, outras, mesmo que negociando com o lugar comum da inferioridade da nossa natureza, desafiaram o status quo, esse é o caso de Isotta Nogarola, sobre a qual se dedicarão os esforços do presente artigo.

É preciso, em primeiro lugar, explicitar quais eram os destinos previstos para as mulheres no período do Renascimento<sup>4</sup>. Para além daquelas para as quais era dada a condição exaustiva do trabalho no roçado e nas corporações de ofício (sendo que, nessas, nunca desempenhavam funções representativas), era delas exclusivamente o exercício das funções de cuidados domésticos, e também, dos cuidados como amas de leite, uma vez que as jovens nobres normalmente não desempenhavam essa função, em vista de uma ocupação imposta de gravidez compulsória. Para as que não estava no horizonte uma vida de miséria e exploração, outras violências eram impostas: o casamento ou o claustro. No primeiro caso, muitas vinham a falecer em um dos partos subsequentes, e, no segundo caso, eram fadadas a um isolamento forçado do mundo, em que era explicitada a compreensão de sua vida como um fardo para os homens que as tutelavam. A viuvez, única oportunidade em que as mulheres poderiam gozar de algum vislumbre de liberdade, ainda que permanentemente controlada, era, na maior parte dos casos, uma vivência estigmatizada, em que, finalmente sozinhas, mas sem um lugar social que as acolhesse, estavam muitas vezes entregues ao abandono e à pobreza, tidas como “objetos sem valor”.

Registradas nas genealogias sob as categorias de entradas e saídas – tanto as que chegavam inadvertidamente como as que foram admitidas, por um tempo, em um contexto privilegiado – as mulheres eram consideradas presenças transitórias [senão, itens acessórios] nas casas da

<sup>2</sup> Entre a literatura pertinente sobre esse ponto, sugerimos aqui, pela sua acuidade, o seguinte artigo: King, 1976. A ele relacionado, também se complementa a seguinte publicação: King, 1988.

<sup>3</sup> Para interpretações que elucidam essa questão nas autoras, ver: Benevenuto, 2021 e Tavares, 2024a.

<sup>4</sup> Entre os trabalhos brasileiros já escritos a respeito dessa problematização e que gostaríamos de fazer menção aqui estão o de Benevenuto, 2024 e o de Tavares, 2024b. A obra emblemática sobre esse tema e que vamos voltar a mencionar é King, 1991.

## FIGURAS DO SILÊNCIO EM ISOTTA NOGAROLA: COMO CALAR (OU NÃO) UMA MULHER NA ITÁLIA DO SÉCULO XV. eK25048

Renascença, onde quem detinha o mando eram os homens.<sup>5</sup> (King, 1991, p. 61-62, tradução nossa)

Dentro desse quadro precário, a educação reiterava essa realidade, ou, mais propriamente, também era a responsável por constituir todas essas desigualdades. O que era oferecido às mulheres, quando era oferecido, era uma instrução restrita ao cumprimento do seu único lugar possível, as tarefas de casa. A economia doméstica e a costura eram os domínios próprios desse gênero, condenado à exclusão.

Exercitar-se no bordado e na costura adequadamente foi uma função para a qual era dada muita atenção no processo de educação das meninas. Já no início do século quatorze, Francesco da Barberino estimulou essas atividades ao invés da leitura: as filhas dos comerciantes devem aprender as tarefas domésticas e não devem se enfadar com leituras; filhas das classes trabalhadoras devem saber como coser, cozinhar e cuidar dos membros da casa.<sup>6</sup> (King, 1991, p. 166-167, tradução nossa)

Quando havia letramento, era na língua vulgar, que à época era compreendida de modo estereotipado como instrumental, e a literatura que circulava para esse público era àquela que reiterava os hábitos associados às funções desempenhadas por ele. Quando as mulheres eram responsáveis pela educação, era no primeiro nível, que correspondia aos cuidados com a primeira infância e ensino da língua vulgar, espaço desprestigiado e em relação ao qual, os meninos, no momento em que estavam para “se tonar homens”, eram forçados a se afastar. Ser educado por uma mulher no momento de formação compreendido como relevante era visto com desconfiança.

Às mulheres não era costumeiro o ensino do Latim, a porta de entrada para uma formação literária mais ampla, e nenhum estudo mais avançado era considerado pertinente. O objetivo claro da instrução era o cultivo da moralidade sexual, silêncio e deferência. Tal projeto era apropriadamente chamado de “escolinhas”, já que pouco era ensinado ali.<sup>7</sup> (King, 1991, p.172, tradução nossa)

---

<sup>5</sup> “Registered in the genealogies under the categories of *uscite* and *entrate* -those who had come forth and those who were admitted, for a time, to a privileged fellowship - women were “passing guests” in the male-headed households of the Renaissance”.

<sup>6</sup> “Training in needlework and spinning accordingly played a conspicuous role in the education of girls. Early in the fourteenth century, Francesco da Barberino praised such activities over reading: the daughters of merchants have to learn many household tasks and should not bother with reading; daughters of the working classes should know how to sew and spin, to cook and care for other household members.”

<sup>7</sup> “They were not normally taught Latin, the gateway to a broad literary education and any advanced subject matter, and major goals were the cultivation of sexual morality, silence, and deference; appropriately they were called “little schools,” for little was taught. ”

Alguma instrução um pouco mais cuidada acontecia nos conventos, onde poderia ser aprendida alguma das línguas antigas, o grego ou latim, ainda que compreendidas somente dentro de uma certa literatura religiosa (porque aqui também eram pré-selecionados os autores que corroboravam um comportamento modesto e circunspecto, condizente com o desenvolvimento do que eram aceitas como as “virtudes” das mulheres: silêncio, castidade e obediência), o que constituía uma grande limitação de formação dentro desses espaços. No contexto da aristocracia, para o qual era indecoroso as mulheres serem incultas, a formação oferecida, que poderia incluir certo repertório clássico, contentava-se em alcançar o desempenho da gramática, mas jamais da retórica ou dialética, competência próprias ao discurso público, espaço vetado às mulheres, de toda forma. Nesse sentido, a formação, também significativamente cerceada, era mais um adorno para as repúblicas de homens, que faziam de suas mulheres enfeites para suas conquistas<sup>8</sup>.

É amplamente conhecido que os autores humanistas que escreveram sobre educação enfatizaram uma formação centrada na gramática e literatura para as mulheres, desestimulando ou mesmo proibindo o ensino para elas da lógica e retórica. O texto famoso de Leonardo Bruni a respeito dessa questão [*De studiis et literis*] explicita essa limitação e torna suas razões óbvias [...] *Caso uma mulher gesticule enquanto fale ou se pronuncie de forma mais enfática, ela aparecerá como sendo ameaçadoramente louca, sendo preciso contê-la. Estes assuntos são de responsabilidade dos homens: a guerra, as batalhas assim como as disputas e controvérsias de natureza pública.* (Bruni, transl. Grafton and Jardine 1986, 32-33) [...] Juan Luis Vives (1972, 34, 54-55) do mesmo modo declara que, como as mulheres não participam dos assuntos públicos, elas precisam de menos formação, com requisitos diferentes, sem lógica, nem retórica, enquanto Agrippa d'Aubigne reconhece que estudos como o de lógica podem ter alguma utilidade, mas apenas para as mulheres aristocratas, uma vez que para as demais é tanto desnecessário como perigoso, levando talvez a um descaso com os deveres domésticos ou discordâncias dos seus maridos ou acompanhantes.<sup>9</sup> (Gibson, 1989 p.12, tradução nossa)

## UMA TRAJETÓRIA POSSÍVEL? PROCURANDO POR BRECHAS E ENCONTRANDO BARREIRAS

Diante de tantos obstáculos, houve exceções, e elas foram possíveis por algumas razões. Pizan e Cereta puderam se dedicar à escrita em razão de sua condição de viuvez, e de trajetórias pessoais em que os pais, com formação plena, ofereceram estímulo para o gosto das filhas pelas mais diversas áreas

<sup>8</sup> Sobre esse ponto em específico, ver King, 1976, p. 296 e Jardine, 1985.

<sup>9</sup> “It is widely recognized that humanist education writers emphasised grammatical-literary education for women and correspondingly downplayed or prohibited the study of logic and rhetoric. Leonardo Bruni's well-known text makes the limitation explicit and its rationale obvious [...] *For if a woman throws her arms around while speaking, or if she increases the volume of her speech with greater forcefulness, she will appear threateningly insane and requiring restraint. These matters belong to men; as war, or battles, and also contests and public controversies.* (Trans.. Grafton and Jardine 1986, 32-33) [...] Juan Luis Vives (1972, 34, 54-55) similarly declares that because women do not participate in public affairs, they need less education and that of a different nature, omitting logic and rhetoric, while Agrippa d'Aubigne admits that such studies as logic may have utility, but only for women of the highest rank since for others it is both useless and dangerous, perhaps leading to contempt for domestic duties or arguments with husbands and companions”.

do saber<sup>10</sup>. No caso de Nogarola, uma série de escolhas pouco usuais tornou seu caminho singular e seu modo de atuação, único<sup>11</sup>. Sua mãe, viúva, o que é de se ressaltar, na medida em que era a única condição que dava certa liberdade de decisão às mulheres, escolheu oferecer às filhas uma formação equivalente a de seus irmãos homens. Sendo assim, Isotta, assim como sua irmã Ginevra, foram instruídas por um tutor, discípulo de Guarino Veronese, maior nome do círculo humanista veneziano à época. Isotta e Ginevra, devido aos seus excelentes desempenhos nos estudos e nas letras, ainda jovens chamaram a atenção dos pares humanistas. Confiante da sua desenvoltura e com envolvimento genuíno por sua formação, Isotta aproveitou a fama da primeira circulação de seus escritos junto aos da irmã, para buscar pleitear um espaço autônomo no círculo de letrados. Nesse momento, sua irmã já tinha se casado e, conseqüentemente, se retirado dos estudos, e Isotta, em mais uma posição inusitada ao longo de seu percurso, decide-se pelo que seria sua profissionalização nessa dedicação. O que segue dessa tentativa é um silêncio constrangedor, e, pouco depois, a calúnia, que assume conotação sexual<sup>12</sup>. A relação entre aparição pública e falta de castidade é emblemático ao representar um lugar comum de censura a atitudes de mulheres que arriscaram adentrar espaços não autorizados para sua presença<sup>13</sup>. O silenciamento, que era o cerco imposto a elas, quando era rompido, explicitava outros fatores a ele conjugado, quais sejam, o assédio e a violência sexual. A castidade como expressão de controle patriarcal exercia sua força não só sobre o discurso, mas também sobre os corpos<sup>14</sup>. Depois de ser vexada, Isotta vive um período longo de reclusão. Esse ponto de ruptura é atinente também a outras trajetórias de mulheres renascentistas, que são constrangidas a se retirar do espaço público, quando anunciam sua vontade de conquistá-lo às próprias custas e por seus próprios recursos intelectuais e comunicativos.

O modo como a autora se recolhe é peculiar para o período em que ela vive. Ela nem se casa, nem vai para o convento. O que acontece, muito provavelmente à revelia dos irmãos, mas como opção acolhida pela mãe, é que ela decide se dedicar aos estudos por completo, e, não sendo possível fazer isso aos olhos de todos, como humanista, ela vai morar com a mãe, uma vez que à época era inconcebível uma mulher morar sozinha. Uma alternativa forçada por uma conjuntura de significativas interdições que

<sup>10</sup> Ver King, 1991, p.194 a 219; Lerner, 1993, p.28-29.

<sup>11</sup> King, 1978, 1988; King; Robin in Nogarola, 2004, p. 1-19.

<sup>12</sup> Os pormenores dessa circunstância definitiva serão abordados na seção seguinte. O que temos em vista por ora é trazer de uma forma mais ampla os modos de aparição das dificuldades para se pleitear paridade e ter sua contribuição acolhida dentro da comunidade de letrados.

<sup>13</sup> Sobre como a suposta virtude da castidade permanece como modo de cerceamento da liberdade das mulheres por séculos adiante, ver: Perry, 1980; Santos, 2024. A respeito do modo como a reiteração de estereótipos de masculinidade (força e razão) está relacionada ao controle do comportamento das mulheres e da justificação de violência contra mulher, ver: Foyster, 1996. Ainda sobre como no humanismo italiano aparece implícita uma expectativa de moralidade circunscrita à performance de mulheres, ver Jardine, 1983.

<sup>14</sup> Entendo que esse ponto tenha muitas nuances e desdobramentos, sendo merecedor de atenção em novos trabalhos por vir.

a permite ter uma vida em que possa ter uma formação continuada, não muito diferente de um claustro, mas com algumas especificidades. Nesse longo período de silêncio, a imagem de Isotta, vilipendiada anteriormente, passa, numa faceta nova de discriminação, a ser cultuada como virgem doura<sup>15</sup>. Encontrando-se em uma condição de afastamento que garante nenhuma intervenção pública, o trabalho dela como intelectual é aceito e autorizado, mas não diria reconhecido, senão muito discretamente e quase que de forma velada. A associação dessa nova condição ao claustro não é fortuita, pois as leituras cristãs passam a prevalecer e o tipo de literatura frequentada muda<sup>16</sup>, o que não implica dizer uma aceitação da autora desse novo quadro de dedicação. A obra considerada mais relevante no contexto em questão é o diálogo que ela escreve intitulado *Quem peçou mais, Adão ou Eva?*<sup>17</sup> (*De pari aut impari Evae atque Adae peccato*), em que constrói uma defesa sutil da segunda em meio a retaliação da mesma por seu interlocutor. O que está em discussão é a pergunta sobre a natureza da mulher<sup>18</sup>. Esse diálogo será emblemático para o campo de debate conhecido como *Querelle de Femmes*<sup>19</sup>, ou *Disputa sobre as mulheres*, que aparece como esforço de defender a nossa condição como podendo ser virtuosa. A importância com que essa peça é revisitada dentro dessa tradição me leva a interpretá-la como uma resposta contundente à própria situação em que Isotta foi posta à revelia de suas competências<sup>20</sup>. O diálogo tem como base a correspondência entre ela e Ludovico Foscarini, importante político e humanista veneziano, com quem ela trava sua relação mais intimista e longa, não sem ambiguidades, uma vez que tal troca assídua não tinha um modo de aceitação claro corrente<sup>21</sup>. Tendo vivido pouco tempo depois da morte de sua mãe, Isotta, mais uma vez podendo se valer de situações extraordinárias, recebe pensão vitalícia e é acolhida na casa de seu principal interlocutor, Ludovico Foscarini, desafiando a tutela dos homens de sua família, em relação aos quais as mulheres comumente estavam, inclusive legalmente, subjugadas. Ter tido como abrigo a casa de um homem com o qual construiu uma relação independente é mais uma situação atípica e excepcional, brecha entre barreiras.

<sup>15</sup> Sobre a prevalência da construção dessa imagem no período, ver Jardine, 1985.

<sup>16</sup> O modo como Isotta se relaciona com esse novo contexto e não deixa de responder aos novos condicionamentos é uma situação que merece atenção particular, mas que não teremos oportunidade de explorar nesse momento, de modo que nos contentaremos em fazer alusão.

<sup>17</sup> Tradução nossa.

<sup>18</sup> Para uma interpretação com a qual temos afinidade a respeito do teor da posição de Isotta no diálogo em questão e a consistência de sua posição na sua correspondência, considerando um uso marcado do recurso da ironia enquanto denúncia, ver: Borsic and Karasman, 2015.

<sup>19</sup> Para a relação entre a *Querelle des femmes* com a construção histórica feminista pela luta dos direitos políticos das mulheres, ver: Kelly, 1982.

<sup>20</sup> Para compreender como a disputa sobre a interpretação das escrituras ocupou um papel importante no que pode ser entendido como construção da autoridade do discurso das mulheres e de sua autonomia intelectual, ver: Lerner, 1993.

<sup>21</sup> As particularidades dessa relação são um capítulo à parte na interpretação do percurso de Isotta, e merecem um cuidado por si só.

## A REIVINDICAÇÃO DE RECONHECIMENTO, O ISOLAMENTO COMO LUGAR DE OSTRACISMO

Uma vez aludida brevemente a trajetória de Isotta e o que nela permitiu aparecer uma mulher letrada na Itália do século XV, volto-me agora para algumas passagens mais decisivas ao longo de sua correspondência, que explicitam o não lugar de uma mulher enquanto humanista. Para isso, vou me deter no primeiro ciclo de correspondências - período voltado para a projeção da autora - mais especialmente na recepção dos escritos de Isotta por Guarino Veronese, caso emblemático do alcance e limitação de sua atuação, estendendo-me ao momento crítico desse primeiro empenho em conquistar uma carreira, a ocasião de sua calúnia.

Quando ainda jovem, dos 18 aos 23 anos, Isotta e Ginevra Nogarola já eram conhecidas por suas competências expressivas e vinham ganhando fama dentro de um círculo de humanistas cada vez mais significativo. Esse compreende o período mais emblemático da correspondência pública de Isotta. Ao pleitear espaço de patronato para a manutenção da sua ocupação nas letras, as irmãs Nogarola fizeram seus escritos chegarem a autoridades da época, como Jacopo Foscari, que mantinha trocas assíduas com figuras emblemáticas do período como Bruni, Bracciolini e Veronese. É por esse modo de intermediação, que Foscari faz Veronese saber da escrita das irmãs Nogarola. Este se manifesta sobre elas de modo estranhamente elogioso: surpreendido pelo desempenho das moças, escolhe destacar entre suas competências a desenvoltura formal no latim, qualidade referente a apenas o estudo da gramática, que, como mencionado anteriormente, dizia mais respeito a uma capacidade de rebuscamento, mas não de eloquência. Além disso, nesse suposto elogio<sup>22</sup>, as irmãs Nogarola são tratadas como filhas de Verona, filhas de uma república, da qual não eram autorizadas a participar, e, portanto, conquistas de um espaço sob o qual não tinham nenhuma responsabilidade. Uma conquista dos homens de Verona, não delas por elas mesmas. Mais uma vez, as armadilhas do elogio se perpetuam nas escolhas das personagens da antiguidade em relação às quais Isotta e Ginevra são comparadas. Entre elas Penélope, Arachne, Camilla e Penthesilea. As duas primeiras associadas à espera e à costura, habilidades reiteradas dentro de um lugar de assujeitamento e as duas últimas, mulheres guerreiras, associadas às Amazonas, que suscitavam um lugar de estranhamento tal que questionava a própria imagem estabelecida do que era ser mulher<sup>23</sup>. A

---

<sup>22</sup> King; Robin in Nogarola, 2004, p. 41.

<sup>23</sup> Sobre a evocação das Amazonas como personagens desestabilizadoras da normalização dos papéis do masculino e do feminino no Renascimento, ver: King, 1991, p. 188-193. Sobre a listagem de mulheres ilustres como campo de disputa entre feministas e antifeministas na construção de uma memória de feitos virtuosos das mulheres, ver: Lerner, 1993, p. 256- 264. Para uma apreciação das armadilhas insinuadas em supostos elogios das mulheres por homens ilustres, ver Tavares, 2024a.

explicitação, ao fim, do lugar perverso do que aparece como elogio, se dá no momento em que Veronese provoca seus discípulos homens, pronunciando as seguintes palavras: “[...]você, homens, estão se comportando como mulheres, e elas, como verdadeiros homens?” (Veronese *apud* King; Robin in Nogarola, 2004, p. 42, tradução nossa)<sup>24</sup>. Isotta e Ginevra aparecem aqui como ameaças a seus pares homens humanistas. E isso fica mais claro ainda nos eventos que se seguem, como será comentado adiante.

Isotta ao ter notícias que sua fama tinha sido contemplada também por Veronese, encoraja-se em escrever diretamente a ele, manifestando sua felicitação pelo reconhecimento e interessada em contar com a contribuição dele para o referendo público da sua dedicação. Dessa carta, segue-se o silêncio do humanista. Aqui se dá a primeira negativa clara da possibilidade de pertença de uma mulher a esse espaço cívico de formação e letramento. O silêncio de Veronese é recebido como uma vexação pública de Isotta, que, na sua condição, ao se referir diretamente a ele, haveria se comportado de forma indecorosa<sup>25</sup>. Isotta não se abstém de manifestar sua indignação e responde ao silêncio de Veronese manifestando a falta dele em deixá-la ser exposta ao ridículo, uma vez tendo sugerido seu reconhecimento: “Não há abrigo seguro para mim nesta cidade. Os asnos me afugentam com seus dentes, os touros me atacam com seus chifres.” (Nogarola, 2004, p.54, tradução nossa)<sup>26</sup>. Ela reivindica uma retratação pública para que a reputação dela, aviltada também por outras mulheres que consideravam sua atitude impertinente, possa ser recuperada, a despeito da crueldade daqueles que a vilipendiam. A única posição que Guarino manifesta após esse apelo é uma recidiva na sua forma taxativa de caluniar o sexo feminino: Isotta deveria ter uma “alma masculina” (Veronese *apud* King; Robin in Nogarola, 2004, p. 42-43, tradução nossa)<sup>27</sup> e não “ser abjeta e tão mulherzinha” (Veronese *apud* King; Robin in Nogarola, 2004, p. 43, tradução nossa)<sup>28</sup>; é a consciência e memória dela dos próprios feitos que deveriam torná-la orgulhosa de si, e, portanto, segura. Em síntese, a recomendação oferecida é a seguinte: “[...] Você deve, na sua condição de mulher, inventar-se homem” (Veronese *apud* King; Robin in Nogarola, 2004, p 43, tradução nossa)<sup>29</sup>. Não vejo nada mais

<sup>24</sup> “Are you young men behaving like women, and that woman like a man?”.

<sup>25</sup> Aqui fica manifesta a diferença de um mesmo ato quando referente a pessoas cuja autoridade é corroborada de forma distinta: o silêncio de Veronese demonstra seu desprezo pela postura de Isotta, considerada inadequada, e reitera seu lugar de proeminência e influência; o mesmo silêncio para ela é um constrangimento aberto, uma ridicularização do seu comportamento, e uma censura a sua livre manifestação, tornando clara sua impossibilidade de ser efetivamente acolhida e valorizada na sua contribuição. Era vetado a ela se projetar num círculo de homens, dentro do qual somente a realização deles tinha valor. Quem nos chamou a atenção para esse lugar diferencial do silêncio quando proferido por um homem em relação ao imposto sobre uma mulher foi Flávia Benevenuto, e devemos a observação desse ponto a sua consideração.

<sup>26</sup> “There is no safe shelter for me in this city. The asses tear me apart with their teeth, the bulls charge me with their horns”.

<sup>27</sup> “manly soul”.

<sup>28</sup> “be abject and ‘so like a woman’”.

<sup>29</sup> “You must create a man within the woman”.



paradigmático de uma postura sexista nesse momento do que não reconhecer o lugar da fama, atribuição pública de valor, como relevante para construção de prestígio, uma vez explicitado que a única coisa ausente para essa concessão era algo arbitrário: nascer homem.

Ainda assim, a determinação de Isotta a faz persistir na sua busca pela continuidade da dedicação aos estudos e pertencimento ao círculo de humanistas, lugar eminente de realização para esse tipo de ocupação. Daqui em diante, entretanto, ela persistirá sozinha. Ginevra, tendo se casado, afastou-se por completo das letras. Agora, ainda mais exposta, inclusive por estar avançando para uma idade em que sua procura insistente por uma condição independente de estudos passava a ser vista não mais como um requinte, mas como uma inadequação e afronta, ela ainda conseguirá pleitear mais espaços de reconhecimento, tendo seu nome conhecido por boa parte da região nordeste da Itália. A conquista de um espaço mais amplo de atuação, não veio sem uma nova retaliação, e, dessa vez, decisiva. Nesse momento, é a calúnia que será a responsável por um recolhimento permanente de Nogarola do circuito público de correspondências. Ela é um ataque, e ele é construído a partir do que eram consideradas condutas sexuais desviantes: incesto e promiscuidade.

Vamos deixar de nos admirar de todas essas coisas, quando aquela segunda irmã solteira, que recebeu tantos elogios por sua eloquência, faz coisas que pouco condizem com sua erudição e reputação – embora eu considere verdadeiro o dito de muitos sábios: que uma mulher eloquente nunca é casta e o comportamento de muitas mulheres eruditas também confirma essa verdade. Mas para que você não aprove, nem mesmo um pouco, esse crime excessivamente impuro e obscuro, deixe-me explicar que, antes dela tornar seu corpo amplamente disponível para relações promíscuas, ela havia primeiro permitido – e, inclusive, até mesmo ardentemente desejado – que sua virgindade fosse rompida por ninguém menos que seu irmão, para que, por meio desse vínculo, ela pudesse estar mais estreitamente ligada a ele. Ai de Deus, em quem os homens confiam, e que não mistura céu e terra nem mar e céu, quando ela, que não impõe limites a essa luxúria imunda, se atreve a se envolver tão profundamente nos mais refinados estudos literários. (“Plínio Veronese” *apud* King; Robin in Nogarola, 2004, p. 68-69, tradução nossa.)<sup>30</sup>

## PARA TERMINAR, UMA REITERAÇÃO

Por ora, gostaríamos de chegar ao fim dessa exposição tendo elucidado as razões de um percurso interrompido, tendo consciência de que pudemos fazer ver algumas das tópicas de construção do discurso misógino, sem tê-las abordado exaustivamente. O exemplo da trajetória de Isotta Nogarola parece-nos

<sup>30</sup> “Let us cease to wonder at all these things, when that second unmarried sister, who has won such praise for her eloquence, does things which little befit her erudition and reputation—although the saying of many wise men I hold to be true: that an eloquent woman is never chaste; and the behavior of many learned women also confirms its truth... But lest you approve even slightly this excessively foul and obscene crime, let me explain that before she made her body generally available for promiscuous intercourse, she had first permitted—and indeed even earnestly desired—that the seal of her virginity be broken by none other than her brother, so that by this tie she might be more tightly bound to him. Alas for God in whom men trust, who does not mingle heaven with earth nor the sea with heaven, when she, who sets herself no limit in this filthy lust, dares to engage so deeply in the finest literary studies.”

ser emblemático dos apagamentos constituídos historicamente e que ainda marcam profundamente as limitações do nosso repertório de formação contemporâneo. Trazer esse caso à vista é um compromisso com cada uma das vozes que não foi devidamente acolhida e reconhecida como digna de debate. Desejamos que o esforço empreendido aqui seja parte da reversão dessas faltas assíduas e se estabeleça como movimento de restituição.

## REFERÊNCIAS

- BENEVENUTO, Flávia. Christine de Pizan: razão e a educação das mulheres na “Cidade das damas”. *Perspectiva Filosófica*, v.48, n.2, p.43-68, 2021.
- BENEVENUTO, Flávia. Mulheres nas sombras da filosofia do Renascimento e alguns lampejos de resistência. *Prometheus – Journal of Philosophy*, v.16, n.46, p. 1-22. 2024.
- BORSIC, L.; KARASMAN, I. Isotta Nogarola—The Beginning of Gender Equality in Europe. *The Monist*, v.98, p. 43-52, 2015.
- FOYSTER, Elizabeth. Male Honour, Social Control and Wife Beating in Late Stuart England. *Transactions of the Royal Historical Society*, v.6, p 215-224, 1996.
- GIBSON, Joan. Educating for silence: Renaissance Women and the Language Arts. *Hypatia*, v.4, n.1, p.9-27, 1989.
- JARDINE, Lisa. Isotta Nogarola: women humanists – education for what?. *History of education: Journal of the History of Education Society*, v.12, n.4, p. 231-144, 1983.
- JARDINE, Lisa. O decus italiae virgo' or the mith of the learnned lady in the Renaissance. *The Historical Journal*, v.28, n.4, p.799-819, 1985.
- KELLY, Joan. Early Feminist Theory and the "Querelle des Femmes", 1400-1789. *Signs*, v.8, n.1, p. 4-28, 1982.
- KING, Margaret. Thwarted ambitions: Six Learned Women of the Italian Renaissance. *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, vol. 59, n. 3, p. 280-304, 1976.
- KING, Margaret. The Religious Retreat of Isotta Nogarola (1418-1466): Sexism and Its Consequences in the Fifteenth Century. *Signs*, v. 3, n. 4, p. 807-822, 1978.
- KING, Margaret. Book-lined cells: Women and Humanism in the Early Italian Renaissance. In: Albert Rabil, Jr. (Org.). *Renaissance Humanism: Foundations, Forms and Legacy*. Philapelphia: University of Pennsylvania Press, p.434-454, 1988, v.1.
- KING, Margaret. *Women of the Renaissance*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

FIGURAS DO SILÊNCIO EM ISOTTA NOGAROLA: COMO CALAR (OU NÃO) UMA MULHER NA  
ITÁLIA DO SÉCULO XV. eK25048

LERNER, Gerda. *The creation of feminist consciousness: From the Middle Ages to Eighteen-seventy*. New York: Oxford University Press, 1993.

NOGAROLA, Isotta. *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*. Edited and translated by King, M. and Robin, D. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2004.

PERRY, Ruth. The Veil of Chastity: Mary Astell's Feminism. *Studies in Eighteenth-Century Culture*, v. 9, pp. 25-43, 1980.

SANTOS, Mariana. Liberdade política e sexual das mulheres no iluminismo britânico. *Prometheus – Journal of Philosophy*, v.16, n. 46, p. 39-66, 2024.

TAVARES, Natália. Laura Cereta: em defesa de uma “República das Mulheres”. *Prometheus – Journal of Philosophy*, v. 16, n.46, p.23-38, 2024a.

TAVARES, Natália. Laura Cereta: uma mulher na República das Letras no Renascimento Italiano. *Revista Sísifo*, Feira de Santana, v. único, n.18, p.105-119, 2024b.



MARTINS, Bruna Ribeiro. *Figuras do silêncio em Isotta Nogarola: como calar (ou não) uma mulher na Itália do século XV*. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.22, n.3, 2025, eK25048, p. 01-11.

Recebido: 10/2025

Aprovado: 11/2025